

CRER EM CRISTO É AFIRMAR A TRINDADE

Guilherme Augusto de Araújo Pereira¹

Resumo

A doutrina cristã ensina que há um único Deus em três Pessoas e anuncia Jesus, o Filho de Deus, que é da mesma natureza do Pai, juntamente com o Espírito Santo. O trabalho objetiva discutir sobre a Trindade revelada por Jesus Cristo no Novo Testamento e a partir de uma pesquisa bibliográfica apresentar a manifestação do Deus uno e trino. Além disso, abordar o conteúdo trinitário desde o Antigo Testamento, os ensinamentos da patrística e a formulação do dogma trinitário afirmado e professado pela Igreja nos Concílios de Nicéia e Constantinopla I.

Palavras-chave: Mistério. Revelação. Jesus. Doutrina. Igreja.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração humana e sistemática a respeito da doutrina trinitária é caracterizada por inúmeras considerações, equívocos e definições quanto ao dogma professado na comunidade de fé ao longo do tempo. Trata-se de um fato, antes mesmo de ser uma formulação doutrinal, pois o Deus uno e trino sempre existiu. Ele esteve presente nos eventos de todo o Antigo Testamento: desde a criação do homem e sua queda, passando pelos patriarcas e profetas, até atingir o ponto mais alto com a vinda do Messias, Jesus Cristo, plenitude de toda revelação. Cristo é, ao mesmo tempo, o anúncio e o anunciador da mensagem, estabelecendo uma comunicação de amor com a humanidade.

Ao falar sobre Deus, a teologia abre caminhos para melhor dar razões acerca da fé e o mesmo acontece no estudo sobre a Santíssima Trindade.

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2022). Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Email: guilhermeaugustodea.p@gmail.com

Karl Rahner, sacerdote e teólogo alemão, apresenta o axioma fundamental e destrincha duas formas utilizadas por Deus para comunicar-se: economia e imanência. Rahner chega a afirmar que a “Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa” (Rahner *apud* Ladaria, 2005, p. 37). A imanência é a relação interna entre as três Pessoas da Trindade desde toda eternidade, a intimidade impenetrável de Deus. Por sua vez, a economia refere-se a maneira como Ele se revela, dando-se a conhecer e agindo no mundo, na história da criação, redenção e santificação da humanidade. Se há acesso à imanência trinitária é graças à economia. A Trindade não é apenas um conceito metafísico, mas a revelação do próprio Cristo.

2 DOCTRINA TRINITÁRIA CRISTÃ: UM ÚNICO DEUS EM TRÊS PESSOAS

Confessar a fé em um Deus é o ponto central da fé cristã, e “o Deus que se dá a conhecer em Jesus Cristo é o Deus uno e trino” (Ladaria, 2005, p. 23). A fé católica não consiste em adorar três deuses, mas sim adorar um só Deus em três Pessoas: o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Entre as três Pessoas da Trindade não há confusão nem separação, ou seja, há uma comunicação de amor e de perfeita harmonia, não existindo maior ou menor, as três Pessoas são iguais entre si e sempre existiram. Segundo Boff (1938, p. 44) na natureza de Deus encontra-se uma comunhão entre os Três, na qual é o próprio Filho quem revela, não existindo a solidão do Uno.

A trindade de pessoas no interior da unidade de natureza é definida em termos de “pessoa” e “natureza”, que são termos filosóficos gregos; de fato, eles não aparecem na Bíblia. [...]. A afirmação definitiva de trindade de pessoas e unidade de natureza foi declarada pela Igreja como a única forma correta, na qual estes termos devem ser usados (McKenzie, 1984, p. 947).

Ainda que seja um mistério profundo, não significa que nada se possa saber a respeito de Deus. A fé permite compreender a unidade de Deus na Trindade, sem a perda de sua abissalidade, porque Cristo assim a revelou. O homem, diante desse mistério, busca sua plenitude e norteia-se a partir do que Deus deu a conhecer de si mesmo. “Por ora, basta-nos sinalizar que

toda busca de Deus por parte do homem tem em Deus mesmo sua iniciativa, está guiada por sua providência e por sua mão, ainda que não o saibamos" (Ladaria, 2005, p. 22).

3 CRISTO REVELA A TRINDADE

A ideia da teologia trinitária da revelação nasce no Concílio Vaticano II com o documento *Dei Verbum*, portanto, Deus se revela trinitariamente. O ato da encarnação é trinitário, e o ponto mais alto da revelação acontece no evento Pascal. Jesus é revelador do Pai e do Espírito Santo, ou seja, torna-se revelador da Trindade, que é o conteúdo da revelação. Cristo, ao comunicar Deus aos homens, expõe toda a inteireza divina: o Pai, e o Filho e o Espírito Santo.

Aprouve a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (DV, 2).

A paternidade traz consigo um sentido de proteção e amor. Em muitas religiões, Deus é invocado como Pai, já que traz uma dimensão de aproximação e cuidado com a criação. Ao mesmo tempo, é associado a uma figura materna, pois o amor materno é repleto de solicitude e bondade para seus filhos. Vê-se no Catecismo da Igreja Católica (CIC) que, "a linguagem da fé inspira-se, assim, na experiência humana dos pais (genitores), que são de certo modo os primeiros representantes de Deus para o homem" (CIC, 2000, n. 239).

A relação paterna e filial revela a paternidade de Deus e a filiação de Jesus, pois "ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,27) (Bíblia, 2002, p. 1724). Jesus, antes da sua Páscoa anuncia que enviará o Espírito Santo, o Paráclito. É ele quem inspira os profetas, os escritores sagrados e que atua desde a criação. É o próprio Espírito que é enviado aos Apóstolos, para iluminar, transformar e guiá-los na compreensão dos mistérios do Pai e

do Filho. “Podemos invocar a Deus como “Pai”, porque ele nos foi revelado por seu Filho feito homem e porque seu Espírito no-lo faz conhecer” (CIC, 2000, n. 2780).

A Trindade, antes de ser uma doutrina, é um mistério de salvação, do contrário, não teria sido revelada. O Deus escondido, portanto, se revela, e continua a expandir a revelação. Caso Deus se mostrasse completamente, esvaziando sua transcendência, não haveria uma teologia da revelação, mas sim, uma filosofia da revelação, encerrando Deus na síntese de um processo dialético.

Pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana (DV, 6).

4 A REVELAÇÃO DA TRINDADE NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

Nas Escrituras “não encontramos as expressões próprias utilizadas pelas Igrejas para exprimir sua fé, como três Pessoas, uma natureza [...]. Isto não significa que as Escrituras não nos comuniquem a revelação da Trindade” (Boff, 1938, p. 40). O Antigo Testamento não menciona uma doutrina explícita sobre a Trindade, e não poderia, pois o Filho dá-se a conhecer no Novo Testamento. Deus se apresenta trinitariamente a partir da ótica neotestamentária em Cristo, porém, a Trindade está em todos os eventos. Certos textos veterotestamentário ganharam uma nova interpretação, sobretudo por causa da leitura dos textos sob uma visão pós-pascal, a fim de testemunhar a Trindade, de modo a compreender a história do povo de Israel, que é gradativamente preparado para acolher definitivamente a revelação de Jesus Cristo, estabelecendo entre o Antigo e o Novo Testamento uma unidade, permitindo “conhecer progressivamente a revelação de Deus, dirigida primeiro a seu povo escolhido e depois, em Jesus, a todas as nações sem distinção” (Ladaria, 2005, p. 123).

No Novo Testamento, por exemplo, na transfiguração no monte Tabor, ou no Antigo Testamento, manifestando-se a Moisés no monte Sinai, as três Pessoas divinas estão presentes. No livro do Gênesis (Gn 18,1-15), é narrado uma aparição de Deus a Abraão, que se encontra acompanhado por dois anjos mensageiros. Abraão dirige-se no singular, e o trecho varia, ora no plural, ora no singular. Essas figuras preparam, a partir do Novo Testamento, a nítida manifestação da Trindade. A autorrevelação do Filho e a ação do Espírito Santo aprofundam a fé trinitária a partir do evento Cristo, o Ungido de Deus, cujo próprio nome é uma expressão trinitária: o que unge (Pai), o Ungido (Filho) e a unção (Espírito Santo). No batismo de Jesus (Mc 1, 9-11), inicia-se sua vida pública na qual encontra-se a presença do Pai, em sua voz que ressoa do céu, e do Espírito Santo que desce sobre Ele como uma pomba.

5 A COMPREENSÃO DO DEUS UNO E TRINO NA PATRÍSTICA

Na Patrística², buscou-se responder, testemunhar e formular a fé a partir do dogma da unidade e Trindade em Deus. Nos escritos dos primeiros Padres Apostólicos, Deus é apresentado como sendo único e, ao mesmo tempo, trino. Apesar de conter algumas lacunas, mediante o mistério, buscou-se sempre “formulações mais adequadas para expressar o que supera as palavras e os conceitos humanos” (Ladaria, 2005, p. 136). Com os Padres Apologetas iniciam-se as reflexões trinitárias para salvaguardar a fé e expô-la coerentemente, obrigando-os a “iniciar um esforço especulativo que já não é a repetição de fórmulas tradicionais [...] a reflexão centra-se nas relações Pai – Filho; introduz-se depois, lentamente, o Espírito Santo” (Ladaria, 2005, p. 140-141).

Clemente Romano, um dos Padres Apostólicos, apresenta “as fórmulas trinitárias, mais do que a teologia trinitária” (Ladaria, 2005, p. 136). Vê-se uma tentativa em resolver as desavenças presentes na Igreja, invocando as três

² Estudo da vida, obras, doutrina dos primeiros pais da Igreja e evolução do pensamento teológico.

Pessoas da Santíssima Trindade. “Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo?” (Romano, 2023, p. 56). Entre os Padres Apologistas, o filósofo e mártir Justino em um diálogo com Trifon³, aponta com convicção sobre o monoteísmo⁴. Deus é a causa de tudo que existe e não possui nome imposto, pois significaria ter um mais antigo que Ele. “A menção ao Pai está acompanhada pela menção ao Filho” (Ladaria, 2005, p. 141). Ele também ressalta a geração do Filho, “o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Aparecem também as orações litúrgicas apresentando de forma clara a centralidade trinitária, mostrando que “a fé trinitária se desenvolveu no culto e na vida de fé da Igreja [...]. Mas a reflexão sobre a unidade dos três ainda não tinha se desenvolvido” (Ladaria, 2005, p. 144).

6 A DOCTRINA TRINITÁRIA AFIRMADA NOS CONCÍLIOS DE NICÉIA E CONSTANTINOPLA I

A conversão do imperador Constantino ao cristianismo em 313 resulta em uma mudança nas relações entre Igreja e Estado. Anteriormente perseguida, ganha a liberdade de culto no Império Romano, o que possibilita o desenvolvimento dos debates teológicos. “Um sinal dessa evolução geral não deixa dúvida: é o nascimento da era dos concílios ecumênicos” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 205). Inicia-se os questionamentos quanto a unidade de Deus, divindade do Filho e do Espírito Santo, porque se inicia “o conflito que a afirmação trinitária parecia travar com o monoteísmo, tanto bíblico quanto aquele que se tornava objeto de consenso da filosofia grega” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 206).

O primeiro concílio ecumênico é realizado em Nicéia em 325, mediante os questionamentos de Ário que coloca em questão a divindade do Filho. Sua doutrina visava

³ Também chamado de Trifão, é um interlocutor judeu, que representa a visão tradicional judaica.

⁴ Crença na existência de um único Deus, em contraste com o politeísmo (crença em muitos deuses) e o panteísmo (crença de que Deus está em tudo).

explicar a origem do Filho. O Verbo de Deus, teria sido criado, passando a existir em algum momento, tendo um começo, portanto, não sendo eterno. “É de tal modo superior que merece ser chamado Deus por nós; mas na realidade é um Deus “feito”; diante do Deus único, não gerado e Pai, é uma criatura” (Sesboüé, 2002, p. 209). A resposta conciliar à argumentação ariana define que a origem do Filho não é por criação, mas, geração. Não é subordinado e difere do Pai, mas, possui substância idêntica, “o gerado é consubstancial ao gerador. Há identidade de substância entre um e outro” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 215). Mediante um conflito interno, a intenção de Nicéia era finalizar as dúvidas, reafirmar a fé dos Apóstolos e nas Escrituras, aplicando termos dogmáticos provenientes da filosofia grega.

“Até por volta de meados do século IV, a divindade do Espírito Santo ainda não fora posta em questão” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 227). O longo debate sobre a divindade do Filho, acarreta novas interrogações a respeito do Espírito Santo. Aécio e Eunômio desenvolvem um arianismo radical na segunda geração ariana, inferiorizando o Filho ao Pai, e mais inferior encontra-se o Espírito Santo, que está submisso ao Filho. Os “trópicos” argumentam que o Filho por ser gerado pelo Pai era da mesma substância, porém o Espírito Santo não poderia ser consubstancial porque não fora gerado. Já os pneumatômacos sustentavam que o Espírito tinha natureza inferior, negando-lhe a glória devida. “Sua divindade é, pois, atacada por meio de sua potência. Enumerado abaixo do Pai e do Filho, o Espírito não deve ser glorificado com eles” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 229). Diante dessas disputas, o imperador Teodósio convocou o Concílio de Constantinopla I, que declarou a divindade do Espírito Santo, autenticado a fé em Nicéia, já que “recolheu a herança deste e confirmou sua definição ao retomar a afirmação consubstancial a propósito do Filho” (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 242). O Concílio de Constantinopla I afirmou a divindade do Espírito Santo, que procede do Pai e que recebe a mesma glória e adoração tal como o Pai e o Filho, portanto, o Espírito Santo não é uma criatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus Cristo é quem revela a Santíssima Trindade, explicitamente no Novo Testamento. O Filho encarnado falou aos homens numa comunicação de amor e proximidade, dando-se a conhecer os mistérios de si mesmo e do Pai, por meio do Espírito Santo. A Trindade imanente comunica-se livre e gratuitamente na economia da salvação. Ao se revelar, o Deus oculto manifesta-se, o que não exclui a permanência de mistério abissal, na qual o véu não é totalmente tirado. A constituição Dei Verbum discorre em termos cristocêntricos e trinitários o conteúdo da revelação, pois gradualmente, Deus se apresentou ao seu povo, de modo que, em todos os eventos da história da salvação, estava a ação trinitária do Deus uno. Portanto, a fé na Trindade é o ponto central da vida cristã. Trata-se de uma doutrina proclamada e defendida pela Igreja nos concílios, que salvaguarda a fé em um único Deus em três Pessoas: o Pai, e o Filho e o Espírito Santo, iguais em glória, majestade e eternidade.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. Serie II: o Deus que liberta seu povo. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1938. [Coleção Teologia e Libertação]

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina*. Vaticano: 1965. Disponível em < https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html > Acesso em 26 set. 2025

LADARIA, Luiz F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.

ROMANO, Clemente. In.: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 2023.

[Coleção Patrística]

SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas*, tomo 1: O Deus da salvação. São Paulo: Loyola, 2002.